



Gêneros e formatos Jornalísticos na Televisão brasileira *

Guilherme Jorge de Rezende*

(UFSJ)

Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta de classificação de gêneros jornalísticos na televisão, a partir dos conceitos de *categoria*, *gêneros* e *formatos*. Considera-se que a categoria telejornalismo abrange várias subcategorias - Telejornal, Documentário, Reportagens Especiais, Entrevista, Programa de Debates, *Talk Show*, além de outras, episódicas, caso do Plantão, das Retrospectivas de fim de ano e dos Espetáculos Midiáticos. O jornalismo integra também gêneros híbridos: Programas de Variedades, *Talk Shows* e revistas femininas.

Palavras-chave: Telejornalismo, Categorias, gêneros e formatos.

Das categorias aos formatos

Para o estudo do tema, adotamos uma classificação que parte do conceito mais geral de *categoria*, passa pelo de *gêneros* até chegar à instância mais particular dos *formatos*. SOUZA (2004) identifica na programação da televisão três categorias - Informação ou Telejornalismo, Educação, Entretenimento.

A informação não é a categoria de programas hegemônica na televisão mundial. Conforme JESPERS (1998), o telejornalismo ocupa no máximo 25 por cento da programação de uma tevê generalista. A televisão, sobretudo as emissoras comerciais, sujeita-se ao “processo de espetacularização do discurso televisivo, que tende a fazer predominar entre as funções tradicionalmente atribuídas à televisão (informar, formar, divertir), a função do divertimento”. (JESPERS, 1998, p.74).

· Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Curitiba-PR.

* Doutor em Comunicação pela UMESS; Professor do Programa de Pós-graduação Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura e Coordenador do Curso de Comunicação Social/habilitação Jornalismo da UFSJ.



Na TV, a categoria telejornalismo abrange várias subcategorias - Telejornal, Documentário, Reportagens Especiais, Entrevista, Programa de Debates, *Talk Show*, além de outras, episódicas, caso do Plantão, das Retrospectivas de Fim de ano e dos Espetáculos s Midiáticos. O jornalismo está presente também em programas híbridos, alternando ocorrências com subcategorias ficcionais, educativas e apresentações artísticas: *Programas de Variedades*, *Talk Shows* e revistas femininas televisivas.

Subcategorias da categoria telejornalismo

A categoria telejornalismo manifesta-se na programação televisiva nas seguintes subcategorias: entrevista, reportagem, programa de debates, documentário e telejornal. Além dessas, prevalece em outras subcategorias episódicas, caso do plantão, das inserções jornalísticas nos programas de variedades, em emissões de jornalismo especializado (diárias e, sobretudo semanais) e nos espetáculos midiáticos globais.

Entrevista

O que caracteriza a entrevista é a capacidade “de ser destinada a um único objetivo: “fazer emergir uma informação, esclarecê-la e mediatizá-la” (JESPERS, p.149)”. Na TV, a entrevista transmite além da mensagem verbal, o que o jornalismo impresso nem sempre consegue transmitir, a exposição da intimidade do entrevistado, mediante diversas formas de comunicação analógicas: expressões corporais, faciais, de entonação, figurino e maquiagem. O jornalista de TV consegue, assim, “tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer.” (BARBEIRO e LIMA, p.84).

Jespers reconhece dois tipos de entrevista televisiva. O propósito da entrevista *factual* é comprovar a veracidade do relato jornalístico, enquanto a *empática*, em seu modelo mais tradicional, o *retrato*, tem por objetivo prioritário revelar aspectos da personalidade do entrevistado. (JESPERS, p. 162).

Do ponto de vista da rotina produtiva, destacam-se três tipos de entrevista. A *entrevista de estúdio*, com uma duração breve, gravada ou *ao vivo*, segue uma pauta e circunscreve-se ao tema vinculado à cobertura dos fatos do dia. Uma outra modalidade de *entrevista ao vivo* é realizada *na rua*, situação que dificulta muito o controle de interferências visuais e sonoras do ambiente em que é feita. Também na rua, pratica-se o tipo de entrevista televisiva conhecida como *o povo fala* ou *enquête*, na qual formula-se



uma mesma pergunta para diferentes pessoas do público, vistas “como membros de uma amostragem” de uma comunidade”. (CUNHA, 1990, p. 26).

Quanto ao número de entrevistadores, observam-se um formato com apenas um entrevistador (Marília Gabriela, Roberto Dávila) e outro com vários entrevistadores, *Roda Viva*, da TV Cultura. Quando a entrevista se desenrola em um clima de descontração e intimidade, reduzem-se os limites entre o jornalismo e o show. Na entrevista tipicamente jornalística, o entrevistado é o foco (*Roda Viva*). Quando marcada por um forte teor de show comandado pelo entrevistador (Programa Jô Soares), a entrevista se redefine, aproximando-se do *talk show*.

O modo de interação física entre entrevistador e entrevistado determina também a natureza e o efeito da entrevista. Segundo Prioli (apud. SOUZA, 2004, p. 148), se com os interlocutores de pé, “a entrevista é ruim, rápida e sensacionalista”. sentados, “perguntas e respostas se alongam, o respeito ao entrevistado e ao público aumenta”.

Reportagem

Conforme Barbeiro e Lima, “a reportagem é a principal fonte de matérias exclusiva do telejornalismo” (BARBEIRO e LIMA, p. 67). Como subcategoria informativa fundamental, tal como em outros veículos de comunicação, a reportagem na TV presta um serviço aos telespectadores, ao articular “as relações dos antecedentes e das conseqüências do acontecimento ou fenômeno abordado”. (JESPERS, p.167).

Em razão da necessidade de ajustar-se às peculiaridades da linguagem audiovisual e sonora, a reportagem televisiva conjuga, em suas mensagens, os códigos lingüístico, sonoro e, sobretudo, o icônico, por recorrer “essencialmente à imagem” (JESPERS, p. 166). Por causa também de uma característica dos veículos eletrônico, “as reportagens ao vivo sempre reproduzem o som ambiente” para envolver o telespectador “no clima do acontecimento” (BARBEIRO e LIMA, p. 67).

Em relação à correspondência temporal com o acontecimento que é seu objeto, a reportagem pode ser *gravada*, forma mais utilizada no telejornalismo que consiste no registro de “cenas e falas que serão editadas posteriormente; *ou ao vivo*, apresentada simultaneamente ao momento em que o fato ocorre, diretamente do cenário do acontecimento”. Na transmissão ao vivo, a tevê vale-se de uma de suas potencialidades mais relevantes, a instantaneidade, que confere uma “aura de urgência para a cobertura



jornalística”, enfatizando “o compromisso do jornalismo com a atualidade” (CURADO, p. 97).

Um exemplo de reportagem ao vivo são as transmissões de jogos de diferentes modalidades esportivas-futebol, vôlei, basquete, automobilismo. Nesses casos, a reportagem abriga vários formatos informativos - a narração verbal e visual da partida, as entrevistas com atletas e técnicos - e opinativos - os comentários sobre esquemas táticos e o desempenho técnico dos jogadores e da comissão de arbitragem.

Jespers indica uma outra classificação para a reportagem televisiva como subcategoria da categoria Telejornalismo. O autor belga identifica quatro tipos: a reportagem da atualidade, o inquérito, a grande reportagem e o documentário criativo. (JESPERS, p. 167). Pela descrição que faz de cada tipo, os dois primeiros equivalem a formatos que a reportagem assume na subcategoria telejornal e os dois últimos se enquadram no conceito de outra subcategoria, mencionada abaixo, o documentário. Não se caracterizam, portanto, como expressões autônomas da subcategoria reportagem.

Programa de Debate

A principal característica da subcategoria *programa de debate* é o número de entrevistados e entrevistadores envolvidos na discussão de fatos e temas. Segundo SOUZA, “é o número de pessoas que cria o debate, diferentemente da entrevista, que pode ser produzida com apenas um entrevistador e um entrevistado” (SOUZA, 2004, p. 144). Os assuntos e os convidados variam conforme a proposta do programa: tanto pode-se debater um único tema ou vários temas, quanto um ou mais de um participante atua como comentarista. Na maioria dos programas, um único apresentador conduz o debate. O formato mais freqüente, no entanto, é o de mesa-redonda, adotado nos programas sobre esportes, economia ou política.

Muitas vezes, o programa de debate se confunde com os talk shows, porque ambos constituem “uma excelente técnica de mediatização para matérias que se prestam à controvérsia e nas quais há várias teses que se opõem.” (JESPERS, p. 130).

Jean-Jacques Jespers, a propósito, distingue quatro tipos de programas de debates - talk shows. ((JESPERS, p. 131).

1) O *ágora*, na praça pública, onde vários assuntos são abordados de maneira contraditória, com pluralidade de pontos de vista.



- 2) O *tribunal*, em que, sobre um a tema controverso, se confrontam pessoas ou grupos representativos do papel simbólico de acusado, acusados, testemunha, perito, júri e juiz.
- 3) O *hearing*, que submete uma pessoa ou um grupo que está em evidência a um fogo cruzado de perguntas.
- 4) O *duelo*, que põe frente a frente duas pessoas ou grupos que se enfrentam acerca de um ou vários temas, onde o apresentador tem papel de árbitro, muito comum nas campanhas eleitorais.

Documentário

O documentário, segundo SOUZA, é a antítese da ficção da fabricação de fantasia” (SOUZA, 2204, p.145). Subcategoria com raízes históricas no cinema, o documentário propõe-se a apresentar o máximo de informação sobre um tema. Seja qual for o tipo, o *documentário* recorre a vários formatos: entrevistas, videoclipes, debates.

Conforme a classificação de Jespers, o documentário, no que guarda de afinidade com a reportagem, se materializa em distintas modalidades. A mais freqüente é a da *grande reportagem*, produzida no suporte de vídeo ou filme, contando de uma série de informações referentes a um acontecimento ou fenômeno da atualidade. As especificidades da grande reportagem são ser tópicas, “concentrando a atenção sobre uma determinada situação, um fato determinado; e intensiva, por tratar as questões em profundidade e abordar várias facetas”. (JESPERS, 1998, p 168). Uma expressão típica da grande reportagem na televisão brasileira é o *Globo Repórter*, da Rede Globo de Televisão.

Outro tipo de documentário televisivo, não tão comum na tevê brasileira, é o inquérito, definido como “uma reportagem explicativa ou de investigação (...) sobre um assunto de interesse público de caráter social, econômico, jurídico, ecológico ou da vida cotidiana”. (JESPERS, 1998, p. 172)

Jespers ainda aponta uma outra modalidade, o *documentário de criação*, mais típico do cinema. Na qualidade de “de uma obra de autor.”, “o documentário de criação fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande reportagem e o inquérito escondem esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade” (JESPERS, p. 175).



Plantão

De ocorrência extraordinária, o plantão se caracteriza como “a abertura de um espaço na programação normal da emissora para anunciar um fato” de grande interesse e repercussão “que acaba de acontecer” ou que esteja transcorrendo. O alcance do plantão “pode ser local ou em rede nacional, dependendo da importância da notícia”. (PATERNOSTRO, 1999, p. 147).

O caráter excepcional do plantão se evidencia mediante vinhetas visuais e sonoras, que despertam a atenção do telespectador. Muito associado a informações trágicas, inclusive, fúnebres (acidentes catástrofes, atentados terroristas, conflitos bélicos, mortes de celebridades), os plantões às vezes se referem também a acontecimentos já previstos de natureza política, caso de coberturas de apurações eleitorais, votações nos parlamentos, resultados de competições esportivas e policiais- (depoimentos, julgamentos e prisões), quase sempre ao vivo. Vários formatos são aplicados nos plantões: nota, notícia, entrevistas, comentários. Um formato muito freqüente no plantão é o boletim. Nessa condição, se confunde com o **flash**, apresentando um resumo ao vivo de uma notícia.

Emissões de Jornalismo Especializado

Há um tipo de programa que não se encaixa em nenhuma das subcategorias, as produções de jornalismo especializado que dirigem-se a audiências segmentadas (agropecuaristas, investidores, desportistas, cientistas, educadores e alunos) ou gerais (programas de jornalismo policial). Nesses programas, praticam-se vários formatos informativos e opinativos - nota, notícia, reportagem, comentário, crônica, resenhas culturais.

Vários desses programas ocupam a programação da TV aberta (*Globo Rural, Globo Espetacular, Pequenas Idéias Grandes Negócios, Globo Ciência, Globo Universidade, Globo Comunidade, Metrópolis, Vitrine*), em sua maioria transmitidos pela Rede Globo de Televisão). Já nas TVs monotemáticas dedicadas ao Jornalismo, por assinatura ou não, Globo News, Record News e Band News, manifestações dessa categoria também aparecem em profusão.



Espetáculos midiáticos

Outra subcategoria de incidência excepcional, mas não sujeita à imprevisibilidade dos fatos como o *plantão*, ganhou destaque em obra de DAYAN e KATZ (1999): “os espetáculos midiáticos televisivos”, conhecidos também como “televisão festiva” (p.17). Esses programas jornalísticos especiais representam cerimônias típicas da “aldeia global”, que interrompem a rotina, do mesmo modo que festas comunitárias: casamentos ou sepultamentos de celebridades, competições (Olimpíadas, Copa do Mundo de Futebol), ou eventos artísticos de abrangência global (DAYAN e KATZ, 1999, p. 46-47).

Telejornal

O *telejornal* é a subcategoria por excelência da categoria *telejornalismo*. Distingue-se por características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes - hard news. As emissoras qualificam como telejornais, os noticiários, segmentados ou não, em vários formatos. A transmissão ao vivo dos telejornais dá um tom de atualidade, indispensável aos meios eletrônicos de informação.

As considerações teóricas sobre gêneros e formatos da subcategoria telejornal passam, na revisão de literatura, pelas reflexões de José Marques de Melo propôs, para o campo do jornalismo impresso, (MARQUES DE MELO, 1985), Duas amplas categorias - **Jornalismo Informativo** e **Jornalismo Opinitivo**- constituem o gênero jornalístico. A categoria informativa corresponde às informações que “... se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações).” (MARQUES DE MELO, 1985: 48).

Na segunda categoria, “... os gêneros ... se agrupam na área da opinião” a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angularem (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)” (MARQUES DE MELO, 1985: 48) O autor relaciona oito gêneros opinativos: **editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.**



Segundo Melo (1996), cinco formatos compõem o gênero informativo - nota, **notícia, reportagem e entrevista, indicador, enquête e perfil** - oito o gênero opinativo: **editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta** - enquanto seis integram o gênero interpretativo - **perfil, enquête análise, dossier, cronologia e gráfico** - e dois, o jornalismo diversional - **história de interesse humano e a história colorida**. (MARQUES DE MELO, 1997).

Ana Carolina Temer (2002), em uma minuciosa análise dos principais quatro telejornais da Rede Globo, identificou gêneros e formatos predominantes. Segundo o estudo, o *Bom dia Brasil* apresentava um significativo percentual de formatos do gênero opinativo, especialmente através dos comentários especializados em economia, política e esportes. Situação distinta, Temer observou no *Jornal Hoje*, onde não existia “espaço para matérias opinativas ou interpretativas” (TEMER, p.175) e a reportagem representava o formato mais frequente. Na semana pesquisada, tendência que se mantém atualmente, o conteúdo do *Jornal Nacional* constituía-se também de “ampla maioria – de fato a quase totalidade - de matérias informativas”. (TEMER, 2002, p. 187). No *Jornal da Globo*, no final da noite, o gênero informativo prevalecia, mas os formatos opinativos ocupavam um tempo razoável, maior do que no JN, mas bem menor do que no *Bom dia Brasil*.

Gêneros e formatos no telejornal

A literatura sobre o assunto alerta que não se podem fixar limites rigorosos entre os gêneros e formatos jornalísticos na TV. Os gêneros opinativos, por exemplo, não excluem o que seria próprio do informativo: o relato objetivo do fato, o dado bruto. Por outro lado, nas matérias informativas a opinião, às vezes quando não explícita, subjaz implicitamente no decorrer de todas as filtragens que compõem o processo de produção jornalística: a elaboração da pauta, a copidescagem, a edição de notícias, a angulação, inconsciente ou não, com que o jornalista vê o acontecimento.

É possível, no entanto, detectar para que direção pende mais uma informação jornalística, para o informativo ou o opinativo. E nesse momento, os critérios apontados por (MARQUES DE MELO, 1985) para a definição dos gêneros e dos formatos comunicacionais revelam sua utilidade.



Apesar, também, de se reconhecer a existência dos gêneros **interpretativos** e **diversional**, avalia-se que elas estão presentes em outras modalidades de programas jornalísticos de tevê, tais como os documentários, a exemplo do **Globo Repórter** ou do **SBT Repórter**, e nas revistas televisivas, como o **Fantástico**, onde a notícia se alterna com números musicais e dramatizações. Os telejornais se atêm mesmo mais ao factual, buscando ser uma síntese dos acontecimentos do dia. E mesmo que, vez ou outra, transpareça algum sentido diversional ou, mais raramente, interpretativo nas matérias divulgadas, a exceção não basta para desfigurar a natureza do noticiário.

Formatos do Jornalismo informativo

A identificação dos gêneros e formatos em telejornais confunde-se na literatura específica sobre o assunto com o conceito de formatos. A partir de terminologias diferentes encontradas em manuais de telejornalismo, definimos uma classificação que contemple os gêneros e formatos praticados na subcategoria telejornal.

O **perfil**, classificado como pertencente ao jornalismo interpretativo, não se constitui, na maioria das vezes, um formato autônomo. “Matéria biográfica...extraída de pesquisa de texto, imagens de arquivo, entrevistas antigas e fotos”, (PATERNOSTRO, 1999, p. 147). É usado como complemento de uma notícia, entrevista ou reportagem a respeito de alguma personalidade que faleceu ou conquistou algum cargo prêmio ou título.

Na mesma situação parecem se encontrar a cronologia e o gráfico. Mais do que formatos, seriam recursos visuais e documentais para darem consistência a uma notícia ou reportagem. Já a análise e o *dossier* são mais compatíveis com o gênero do jornalismo opinativo, confundindo-se o primeiro com o comentário e a crônica e o segundo com a reportagem.

No âmbito do gênero diversional, os formatos *história de interesse humano* e a *história colorida*, muitas vezes travestidos como *features*, caracterizam-se mais como alternativas de abordagem de uma série de reportagens do que como formatos independentes.

Ao gênero **jornalismo informativo**, pertencem cinco formatos, listados abaixo com suas respectivas definições.



1. Nota

Relato mais sintético e objetivo de um fato, as notas provêm de informações fornecidas pelas agências de notícias, rádio-escuta, de **press-releases**, informantes ocasionais ou de cobertura prevista na pauta que não foi levada à reportagem externa. “Normalmente são matérias curtas, que informam objetivamente o fato acontecido ou por acontecer”. (SQUIRRA, 1990: 71-72) Pode ser usada, às vezes, para destacar certas notícias que, conforme a ordem de inserção e o tom em que são transmitidas, ganham um clima de urgência e de “atenção, atenção”. (GLEISER, 1983, p. 33)

A *nota* pode assumir duas formas, a *nota simples* ou *nota ao vivo* e a *nota coberta*. A ***nota simples*** ou ***nota ao vivo*** é a “forma mais simples de apresentação de uma notícia na televisão”, o apresentador ou locutor apenas lê, em quadro, o texto preparado pelo editor de notícias. O fato de ser a forma mais simples não reduz a importância da nota ao vivo em relação a outros formatos, porque o seu uso se justifica em três circunstâncias básicas: “1) suprir a falta de imagem da notícia; dois) para dar ritmo ao telejornal, já que a nota ao vivo é sempre mais curta do que a reportagem; 3) nos casos em que há imagens, mas que por um motivo ou outro, elas não chegaram ainda à emissora.” (MACIEL, 1995, p. 49).

A ***nota coberta*** é “a forma mais simples de apresentação de notícias com imagens na televisão”. (MACIEL, 1995, p. 52) Geralmente, ela é formada por duas partes que se complementam harmonicamente. A ***cabeça***, correspondente ao lead, é lida pelo apresentador em quadro ou ao vivo. Na segunda parte, chamada de ***off***, o apresentador ou o repórter faz a narração, “enquanto as imagens da notícia são exibidas na tela do televisor.” (MACIEL, 1995, p. 52)

As *notas cobertas* se assemelham às notas simples, por serem um relato objetivo do acontecimento a que se referem. Têm a vantagem, porém, de dispor de informação visual relativa ao assunto tratado. Por esse motivo, apresentam-se como casamento perfeito de imagem e palavra, “permitindo maior aprofundamento e/ou detalhamento” do fato. (SQUIRRA, 1990, p. 72)

2. Notícia

Entenda-se aqui notícia como um formato do jornalismo informativo televisivo e não um termo genérico que, pelo senso comum, designa todas as informações que um



veículo de comunicação divulga. Do ponto de vista formal, a notícia é o relato de um fato mais completo do que a nota, por combinar a apresentação ao vivo e a narração em *off* coberta por imagens. E esse aspecto faz mesmo a diferença, porque, “em televisão, a imagem pode determinar ou priorizar o que é notícia”. (PATERNOSTRO, 1999, p.146). Em estudo comparativo que fizemos (REZENDE, 2000), constatamos, porém, a imprescindibilidade do relato verbal, como âncora da mensagem visual.

Outra característica que distingue a notícia como formato do telejornal é a ausência do repórter em quadro sua narração. Por isso mesmo, a notícia nos telejornais tem uma duração curta, em média de 45 segundos, maior um pouco do que a nota, mas bem menor do que a reportagem.

3. Entrevista –

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar a pertinência do sentido de entrevista como formato autônomo do gênero informativo. Não se inclui nesse conceito, a entrevista realizada como técnica de apuração de dados nas reportagens e que se materializa em sonoras.

A *entrevista* se define como o diálogo que um jornalista mantém com um entrevistado, através do sistema de perguntas e repostas, com o objetivo de extrair informações, idéias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ ou de aspectos da vida pessoal do entrevistado. Isso se dá ao longo da transmissão do telejornal, geralmente ao vivo, mas às vezes gravada e editada, interrompendo-se o noticiário. Um exemplo da ocorrência desse formato pode ser observado durante as campanhas eleitorais, em que candidatos a prefeito, governador, presidente da república, um a cada dia, são entrevistados por apresentadores, no estúdio.

4. Reportagem

“A mais complexa e mais completa forma de apresentação da notícia na televisão”, a reportagem “tem texto, imagens, presença do apresentador, do repórter e de entrevistados.” (MACIEL, 1995, p. 60). É o formato de jornalismo informativo que fornece um relato ampliado de um acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões.



Nos telejornais, predomina o formato denominado reportagem de atualidade: “São reportagens que tratam acontecimentos que acabam de se produzir e a propósito dos quais não se dispõe de muito tempo. Daí a dificuldade de manter uma abordagem crítica” (JESPERS, 1998, p.167). Constitui-se “em imagens que mostram o acontecimento (...) e de entrevistas ocasionais de testemunhos e/ou peritos.” (Id. Ibid., p.167).

Em sua estrutura completa, constitui-se de cinco partes: *cabeça*, *off*, *boletim*, *sonoras* e *nota pé*, mas pode configurar-se também sem uma ou mais dessas partes. De duração mais longa, a reportagem incorpora, portanto, todas as outras formas de apresentação de notícias. A possibilidade de uma parte (boletim, off ou sonoras) aparecer mais de uma vez e a omissão um ou mais dos formatos que a compõem não significa, necessariamente, uma descaracterização do conceito de reportagem. De modo algum, todavia, deve prescindir da intervenção - direta ou em off - do repórter.

Quanto ao assunto tratado, divide-se em dois tipos *factual*, relativa a acontecimentos do dia-a-dia, chamada de matéria quente que requer divulgação imediata, sob pena de perder a atualidade e necessário impacto sobre o público e a *feature* - referente a assuntos de interesse permanente, que não necessitam do atributo da atualidade, denominada de matéria fria ou de gaveta, quando produzida para divulgação em dias de poucos acontecimentos.

5. *Indicador*

São matérias que se baseiam em dados objetivos que indicam tendências ou resultados de natureza diversa, de utilidade para o telespectador em eventuais tomadas de decisões, o que lhes dá o sentido de um jornalismo de serviço. Esses indicadores podem ter um caráter permanente, caso das previsões meteorológicas, números do mercado financeiro e informações de condições de trânsito ou temporário, a exemplo dos resultados de pesquisas eleitorais. Esse tipo de matéria segue um modelo mais ou menos uniforme de elaboração, que as torna aparentemente repetitivas na forma como se resultassem, de certa maneira, do preenchimento de um mero formulário.



Formatos do jornalismo opinativo

Dos oito formatos identificados por Marques de Melo (1997), apenas três integram o gênero **jornalismo opinativo**.

1. Editorial

Caracteriza-se como um texto *lido* geralmente pelo apresentador que exprime a opinião da emissora sobre uma determinada questão. Em casos excepcionais, pode representar também a opinião dos editores do telejornal. Nessas situações, a opinião deixa de ser anônima e se confunde com a avaliação pessoal do editor.

2. Comentário

O *comentário* define-se como matéria jornalística em que um jornalista especializado em um determinado assunto (economia, esporte, política nacional, etc.) faz uma análise, uma interpretação de fatos do cotidiano. Em sua apreciação, o comentarista, muitas vezes, além de explicar os acontecimentos e problemas, orienta o público, que pode conferir ao seu trabalho uma conotação de jornalismo de serviço.

Segundo Cunha, “ao comentarista “não deve faltar “agudeza crítica” na análise de uma informação. (CUNHA, 1990, p.100). No comentário, pesa muito a credibilidade do jornalista/comentarista. Por isso, os comentários devem “ser confiados a jornalistas que aparecem, aos olhos do espectador, como especializados e particularmente competentes”. (JESPERS, 1998, p. 129)

3. Crônica

A crônica fica no limite entre a informação jornalística e produção literária, a crônica é um gênero opinativo que, mesmo que remeta a um acontecimento da realidade, vai além da simples da avaliação jornalística do real. Através de um estilo mais livre, de uma visão pessoal, o cronista projeta para a audiência a visão lírica ou irônica que tem do detalhe de algum acontecimento ou questão, que passa despercebido ou pouco valorizado no noticiário objetivo. Na linguagem da tevê, a crônica conta com outros recursos expressivos além da palavra, as imagens e a música.



Justamente por sua condição híbrida, a crônica deve aliar a sua natureza jornalística, sem perder a perspectiva de constituir-se em um trabalho “em que é fundamental a impressão pessoal de quem a escreve, não há por que se ajustar aos padrões próprios da informação noticiosa, ainda que contenha dados informativos”. (CUNHA, 1990, p. 98).

Formatos poucos freqüentes: coluna, charge e participação do telespectador.

A teoria do gênero opinativo aponta também com seus formatos no jornal impresso a *Coluna*, *Charge* e as *Cartas do leitor*. A coluna, tão destacada no jornalismo impresso, tem sua incidência na televisão como formato híbrido informativo/diversional (Programa Amaury Júnior) ou embutida no formato comentário.

Nos telejornais, a charge é usada muito raramente (Chico Caruso, no Jornal da Globo e no Jornal Nacional, até dois anos atrás), com uma característica que mostra sua adaptação ao veículo TV, a animação. O chargista é mais prestigiado nas edições de domingo do Programa de Variedades *Fantástico - o Show da Vida*, da Rede Globo ou programa de entrevistas da TV Cultura, *Roda Viva*.

Já a participação do telespectador é muito restrita e condicionada. Expressa através de cartas, telefonemas e e-mails, é praticamente ausente nos telejornais e só se destaca em alguns programas de entrevistas e de debate ao vivo (Sem Censura da TV Brasil, nos debates esportivos) e nas transmissões de jogos, presentes em cartazes focalizados pela câmera. Exerce, nessas situações, uma importante função fática, fortalecendo a relação da TV com os seus telespectadores.

Trabalho permanente

Ao encerrar este texto, reforça-se a convicção de que a evolução da tecnologia das comunicações, a emergência de novas produções jornalísticas, a crescente influência dos canais monotemáticos de telejornalismo, requerem um trabalho permanente de revisão e atualização dos gêneros e formatos. Um exemplo disso vem do **CQC**, programa transmitido às segundas-feiras pela TV Bandeirantes, sob a direção Marcelo Tas. O hibridismo do programa alia informação, opinião e diversão, o que dificulta a sua classificação.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. (2002). **Manual de Telejornalismo. Os segredos da notícia na TV**. São Paulo: Editora Campus
- CUNHA, Albertino Aor da (1990). **Telejornalismo**. São Paulo: Atlas
- CURADO, Olga. (2002). **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro
- DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. (1999). **A história em Directo: os acontecimentos mediáticos na televisão**. Coimbra/Portugal: Minerva.
- GLEISER, Luiz (1983). **Além da Notícia: O Jornal Nacional e a Televisão Brasileira**. Dissertação de mestrado apresentada à Coordenação de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- JESPERS, Jean-Jacques. (1998). **Jornalismo Televisivo**. Coimbra-Portugal: Minerva
- MACIEL, Pedro (1995). **Jornalismo de Televisão**. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzato
- MARQUES DE MELO, José (1985). **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes
- _____ (1997). **Classificação das Unidades Comunicacionais, Disciplina: Gêneros da Comunicação de Massa**. São Bernardo do Campo, UESP, CECOM. PósCom.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. (1999). **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Campus
- REZENDE, Guilherme Jorge de. (2000). **Telejornalismo no Brasil - Um Perfil Editorial**. São Paulo: Summus Editorial
- SOUZA, José Carlos Aronchi de. (2004). **Gêneros e formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus Editorial
- TEMER, Ana Carolina Pessoa. (2002). **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro, Sotese.
- SQUIRRA, Sebastião. (1990). **Aprender Telejornalismo-Produção e Técnica**. São Paulo: Brasiliense

